

ENTRE AS NARRATIVAS E A LEGALIDADE: O ESPAÇO URBANO DE VILA BOA NO SÉCULO XIX

Amanda F. Coutinho¹ (IC)*, Deusa M. Boaventura² (PQ).

amandacoutinho@gmail.com

[1] Rua Macau Bloco C apto. 304, Vila Militar, Jardim Guanabara, Goiânia.

[2] Rua 8, n. 106, apto. 501, Ed. Esperanza, Setor Oeste, Goiânia.

Universidade Estadual de Goiás – *Campus* Anápolis de Ciências Exatas e Tecnológicas (BR 153 nº 3.105 – Fazenda Barreira do Meio. CEP: 75.132-903, Anápolis, Goiás).

Resumo: O presente artigo busca compreender e analisar o espaço urbano de Vila Boa de Goiás do século XIX, a partir das narrativas, dos desenhos dos viajantes estrangeiros e brasileiros que visitaram a cidade, bem como das leis, das posturas municipais e dos relatórios dos presidentes de Província. Sendo Vila Boa, a capital da Província de Goiás, sempre houve uma maior preocupação por parte dos governantes em se manter uma boa aparência da mesma e de seus edifícios, tanto públicos quanto privados, através dos códigos de posturas municipais e leis, contudo nem sempre as intenções se concretizavam em ações. Isto por que, o século XIX para Vila Boa caracterizou um momento de crise financeira, após o esgotamento da mineração e isto interferiu em todos os aspectos da cidade, assim como no ordenamento e arquitetura. Logo, este trabalho visa compreender através de comparativos entre as narrativas e as leis o que era o espaço urbano de Vila Boa de Goiás no século XIX.

Palavras-chave: Vila Boa oitocentista. Legislações. Narrativas.

Introdução

Vila Boa de Goiás surge em 1739 nas proximidades do Arraial de Santana, segundo uma política centralizadora de Portugal que visava a ocupação de territórios ainda inexplorados do Brasil. Para que se concretizasse esta ocupação, o governo português no século XVIII, incentivou a formação de várias expedições ao interior do Brasil, que para além da busca de índios almejavam também a descoberta de ouro. Em Goiás tal política acarretou o surgimento de diversos arraiais.

Embora nessa centúria houvesse cartas de fundação que regulamentavam a implantação das vilas no Brasil colonial, em Vila Boa observa-se uma série de distorções na formação de seu espaço urbano tais como a não execução da matriz no Largo do Chafariz e a irregularidade do seu traçado. Para o melhoramento destas distorções foram criados posteriormente planos de regularidades e posturas urbanas, que tinham por principal objetivo o ordenamento e o uso do espaço público

das vilas coloniais. Tais preocupações com a vila serão ampliadas no século seguinte.

O século XIX foi um século de muitas mudanças políticas para o Brasil, como a transformação de Colônia para o Império, e com a abertura dos portos em 1808 o Brasil recebeu a visita de notáveis viajantes naturais que vieram realizar pesquisas de cunho botânico, zoológico, etc. Contudo, além destas pesquisas estes viajantes fizeram relatórios minuciosos sobre as cidades e vilas que visitaram, se tornando em importantes fontes históricas para o entendimento do espaço urbano das cidades brasileiras. Em Vila Boa de Goiás, por exemplo, eles construíram narrativas sobre a paisagem natural e edificada, a salubridade, a saúde dos habitantes locais, as ruas, e até mesmo características da população residente.

Mas, as descrições dos viajantes por si só não conseguem nos informar completamente sobre o espaço oitocentista de Vila Boa. Outras importantes fontes que ajudam no entendimento da regularidade do traçado e do ordenamento urbano da cidade são as leis, as posturas municipais e os Relatórios Provinciais.

Dessa forma, o objetivo do presente artigo é investigar e compreender o ordenamento e o uso do espaço urbano da capital Vila Boa de Goiás, atual Cidade de Goiás, a partir do olhar dos viajantes naturalistas que a visitaram, juntamente com os relatórios provinciais e a legislação do século XIX que contribuíram para o seu novo ordenamento e, conseqüentemente a sua transformação. Assim, uma cuidadosa avaliação sobre as normas e regulamentos oitocentistas e um olhar atento sobre os relatos dos viajantes podem colaborar com a compreensão deste valioso patrimônio histórico e assim, permitir que as futuras intervenções no tecido da cidade possam considerar sua história urbana, como também a lógica de sua formação.

Material e Métodos

A presente pesquisa adotou como base metodológica pesquisas bibliográfica e documental. No primeiro momento foi realizado o levantamento dos livros dos viajantes e as publicações que ajudaram a compreender o contexto oitocentista em que ocorreram as transformações no espaço da antiga capital. Em seguida, foram trabalhados os textos onde se encontram os relatos dos viajantes e foram realizadas também pesquisas documentais no Instituto de Pesquisas Históricas do Brasil Central (IPHBC) e no Arquivo do Estado.

Resultados e Discussão

1. O SÉCULO XIX E VILA BOA DE GOIÁS (CONTEXTUALIZAÇÃO)

O oitocentos foi significativo para a transformação da vida nacional e segundo Estevam (2004) foi um século marcado pela ideia do progresso, de diversidade, de mudanças de hábitos e de comportamentos. Tal condição de modernização pode ser observada a partir de 1808, com a chegada da família real, com a abertura dos portos e uma maior permissão para a vinda de viajantes estrangeiros para o Brasil. Foram, portanto eles que se depararam com uma Colônia em processo de transformação política, assinalado por revoltas e inquietações que resultaram na independência do Brasil em 1822, fazendo com que o Brasil passasse de Colônia para Império, período que perdurou até 1889, quando foi proclamada República¹.

Em Goiás, nesse momento, a chegada de notícias dos acontecimentos e revoltas no Rio de Janeiro gerou um clima de insatisfação em toda a capitania. É nessa conjuntura que há a presença de alguns dos viajantes estrangeiros tais como August de Saint-Hillaire e William John Pohl, que para além de tais fatos presenciaram a elevação de Vila Boa à cidade de Goiás em 1819. Outro viajante estrangeiro de grande importância e que também visitou Goiás foi o desenhista Burchell. Os seus desenhos complementam os relatos dos demais viajantes e auxiliam na compreensão das vilas e dos arraiais goianos que ainda mantinham as configurações e lógicas da formação dos espaços setecentistas.

Junto aos viajantes estrangeiros, também estiveram em Goiás, como também em Vila Boa os viajantes brasileiros. Cunha Mattos é um deles que ajuda a entender a lógica do espaço urbano da cidade de Goiás, contribuindo com seu olhar por ter sido governador de armas de Goiás de 1823 a 1826 quando os primeiros presidentes de província estavam sendo instituídos.

Para além das narrativas dos viajantes, o século XIX conta também com os relatórios dos Presidentes de Província, com os novos códigos de posturas para as cidades e vilas e com as novas normas de comportamentos. Normas essas que visavam garantir a ideia de progresso e de civilização, bem como preocupações com a salubridade urbana e a saúde pública. (AGUIAR, 2012); (LUZ, 2012).

¹ Contudo, os viajantes estrangeiros já não estavam mais no Brasil neste período e não presenciaram esta última mudança, sendo possível notar estas transformações nos Relatórios dos Presidentes de Província e leis, sobre as cidades, que acompanharam as mudanças políticas.

Através das leis, ordenamentos e posturas municipais, é possível perceber uma preocupação dos governantes com a formação da imagem das cidades. Tais legislações regulamentavam desde o alinhamento e reparos dos edifícios e da iluminação até o modo como as pessoas deveriam se portar em público. Entretanto nem sempre estas determinações eram postas em prática. Esta condição pode ser observada nos Relatórios dos Presidentes que juntamente com as narrativas dos viajantes auxiliaram o entendimento da formação e transformação do espaço urbano de Vila de Goiás do século XIX.

2. VILA BOA DE GOIÁS SOB O OLHAR DOS VIAJANTES

O século XIX foi marcado como um período de inúmeras visitas de ilustres personalidades e estudiosos, visitas estas que só foram possibilitadas com a abertura dos portos em 1808. Estes estudiosos viajantes naturalistas tiveram como principal objetivo nas suas expedições ao território brasileiro realizar pesquisas de cunho botânico, geomorfológico, zoológico e antropológico, além dos relatos feitos sobre as cidades, as vilas e os arraiais brasileiros. Em Goiás estiveram Auguste François César Provençal de Saint-Hilaire, Johann Emmanuel Pohl, George Gardner e Francis Castelnau que inclusive revelam as irregularidades e as distorções do espaço de Vila Boa de Goiás, ocorridas ainda no século XVIII.

O olhar destes viajantes estrangeiros ao chegarem à Província de Goiás e em Vila Boa é de completo estranhamento e estes interpretaram a cidade a partir de suas visões de mundo e de seus valores europeus. Muitas das vezes, a realidade não era analisada objetivamente e estes não compreendiam o contexto do por que a província e a Vila se encontravam daquela forma.

Saint-Hilaire visitou Vila Boa de Goiás em 1819 quando a Vila tinha acabado de ser elevada por D. João VI à cidade de Goiás. No texto *Viagem à Província de Goiás*, o viajante narra sobre os diferentes aspectos da cidade, tais como a topografia, a beleza do lugar, o clima e as pessoas. Mas há de se destacar que tais narrativas implicam na consideração de entendimentos acostumados com cidades de outras culturas.

Outro viajante que esteve em Goiás, Johann Pohl que esteve no Brasil entre 1817 e 1821, em *Viagem ao interior do Brasil*, também fez relatos sobre Vila Boa de Goiás. Assim como Saint-Hilaire, Pohl descreve vários aspectos da Vila. Quando chega à cidade sua visão é de que se tem um belo quadro, porém o interior não corresponde à esta imagem inicial.

Para estes viajantes, Vila Boa de Goiás tinha uma grande quantidade de igrejas, mas estas eram em sua maioria pequenas e sem ornamentos, sendo apenas a Igreja de Santana com algumas decorações, e eram em maior quantidade do que se achava necessário para a reduzida população. As casas em Vila Boa eram feitas de barro e madeira e muitas desabavam em épocas de chuva por serem mal construídas, eram pequenas e razoavelmente mobiliadas, e os prédios públicos eram pequenos, mesquinhos, sem beleza e sem solidez. As ruas eram mal calçadas e mal existia vida social na cidade.

Existiam ainda em Vila Boa, duas praças bastante amplas com o formato de um triângulo irregular e vários dos prédios públicos situavam-se ao redor dessas praças como o palácio do Governador, a casa da Contadoria, a igreja paroquial, etc. Estes viajantes também falam sobre a segurança e a ordem pública que não era encontrada em toda a capitania e enfatizam também a respeito da ociosidade que era encontrada no meio do povo goiano.

Outro viajante estrangeiro que também esteve na Vila foi o desenhista Burchell. Dentre o conjunto de imagens dos diferentes pontos do lugar que foram elaborados por ele é possível observar as condições dos edifícios, bem como a lógica da formação do espaço de Vila Boa. Seus desenhos mostram também a regularidade das soluções estéticas adotadas no casario, tais como as alturas dos edifícios, as semelhantes formas das janelas e portas e ainda a presença das típicas treliças móveis de madeira. Seus trabalhos apresentam também a relação da igreja com o espaço da cidade, Burchell em uma de suas panorâmicas destaca o edifício e mostra como a Igreja marca o espaço por ter uma volumetria com proporções maiores comparadas a outros edifícios do entorno. Tais imagens nos permitem notar a lógica e a presença das normas antigas que ainda eram encontradas no espaço do século XIX, como a hierarquia entre os edifícios afim de orientar a população visto que estes espaços abrigavam diversas funções através da superposição de edifícios religiosos, políticos, festivos, etc.

Além dos viajantes estrangeiros, estiveram também em Vila Boa, os viajantes brasileiros. Dentre eles, destaca-se Cunha Mattos, que além de ter sido governador de armas de Goiás entre 1823 e 1826, elaborou importantes relatos sobre Goiás. Neles, encontram-se narrativas sobre a topografia da cidade, a vegetação e a arquitetura da cidade.

Para Cunha Mattos, Vila Boa de Goiás era pequena, porém superior em beleza de edifícios e asseio das ruas comparadas a algumas capitais de outras províncias do Império. Ao contrário do que se achava os viajantes estrangeiros o povo de Goiás era dócil, de boas maneiras e bastante hospitaleiro.

Então, através dos detalhes das narrativas, das descrições sobre os edifícios e sobre o espaço urbano, e com a complementação das imagens que demonstram a proporção dos edifícios e sua relação com o espaço e o estado destes, todo este aparato histórico se torna um importante auxílio para ajudar a entender a situação em que se encontrava a cidade naquele século.

3. A LEGALIDADE E A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO DE VILA BOA NO SÉCULO XIX

A organização espacial de Vila Boa de Goiás no século XIX, assim como no restante dos demais arraiais e vilas da província de Goiás, esteve fortemente vinculado às práticas advindas da lógica portuguesa de se fazer cidades do século XVIII. A ocupação das terras de Goiás ocorreu nas primeiras décadas do século XVIII, segundo uma política centralizadora de Portugal que tinha por objetivo ocupar áreas ainda não exploradas no território brasileiro. Foi, portanto, a partir destas novas reorientações do governo português, da descoberta do ouro e dos incentivos às expedições ao interior do Brasil que surgiram mais de cinquenta arraiais em Goiás. (BOAVENTURA, 2007).

Junto a estes inúmeros arraiais também foi criada Vila Boa de Goiás, atual Cidade de Goiás, nas proximidades do antigo Arraial de Santana. Em seu processo de implantação houveram diversas distorções e o que se pensava para a cidade não foi executado por completo. Visando melhorar tais distorções, planos de regularidades e posturas urbanas foram feitos, ainda nos setecentos, marcando dessa maneira uma preocupação bastante presente com o ordenamento regular das vilas coloniais.

Esta preocupação com o ordenamento das vilas coloniais se estende para o período imperial e as leis, ordenamentos e posturas urbanas se tornam mais enfáticas em relação a imagem e beleza das cidades. Em Goiás, além das posturas municipais e leis que regulamentavam a respeito desses aspectos urbanos os relatórios dos Presidentes de Província descrevem e mostram a preocupação com as obras e estado dos edifícios, assim como alinhamento, regularidade, estado de

conservação e ainda demonstram o que de fato foi executado ou não, e a demora das obras para serem finalizadas principalmente em Vila Boa.

A província de Goiás não era uma das províncias com mais recursos financeiros de todo o Império e este aspecto, muitas vezes, era o que impedia de alguns concertos e obras na cidade acontecerem. Muitos dos presidentes de província autorizavam concertos e reparos em prédios públicos, nos chafarizes e/ou pontes, porém estes não eram executados e estas necessidades iam sendo postergadas de um presidente para o outro presidente, sendo então possível ver a mesma necessidade por diversos relatórios de variados presidentes. Contudo, mesmo com dificuldades financeiras, ao longo do século alguns melhoramentos e mudanças aconteceram na capital, como por exemplo, a implantação de um cemitério e outros edifícios e instituições públicas, como o Açougue e o Lyceu.

Outra preocupação constante nos relatórios e presente nas posturas municipais eram sobre as ruas e calçamentos, um dos problemas frequentes na capital era o mau estado do calçamento, e por diversos anos este aspecto estava sempre presente na lista de obras e reparos que demandavam a capital. Além dos aspectos físicos e arquitetônicos, havia sempre uma preocupação com as posturas da população e com as normas que estes deveriam se portar em público. Os códigos de posturas legislavam e descreviam aspectos minuciosos do que as pessoas não deveriam fazer em público.

Juntamente com os Presidentes de Província, as Câmaras Municipais, através de leis e posturas, tinham por dever legislar sobre aspectos específicos sobre as suas cidades. Essas posturas, segundo Luz (2012, p. 81), “ordenavam o espaço” e também “orientavam o modelo para as construções em esfera privada”, acarretando em exigências rígidas para que fossem obedecidas essas regras quanto aos alinhamentos, rebocos, caiados, etc.

Os códigos de Posturas do século XIX demonstram a preocupação formal dos governantes em manter padrões de urbanização de forma que as vilas e cidades continuassem com o aspecto português de se fazer cidades. As regras, durante o século XIX, se intensificam sempre no mesmo sentido, visando o embelezamento da cidade e com a manutenção do aspecto físico do espaço urbano. No entanto, em vários momentos, a falta de recursos financeiros impediu a ampla aplicação das posturas e das leis e por não serem rigorosamente postas em prática, as

irregularidades e as distorções também se mantiveram como uma marca no espaço urbano da Vila. Contudo, os governantes sempre se orgulharam de seu empenho em manter a beleza de Vila Boa de Goiás mesmo que por diversas vezes as intenções não foram postas em prática.

Considerações Finais

O século XIX foi um período de grandes mudanças políticas no Brasil, foi um século onde o Brasil adquiriu sua independência e assim passou de Colônia para o Império, e ainda no mesmo século mais tarde se tornou República. Com todas essas mudanças políticas administrativas, houve também alterações no âmbito de organização da cidade. Para além da manutenção de alguns princípios da lógica de formação das cidades do século XVIII, novas normas e leis foram criadas no oitocentos se tornando mais restritivas e específicas quanto ao controle da imagem e da conservação da cidade.

Os Códigos de Posturas e demais leis relativas às cidades foram pensadas para o controle dos alinhamentos dos edifícios e das ruas, da conservação das casas, do calçamento, da salubridade e limpeza, e até mesmo do comportamento das pessoas em público. Além destas normas e regras, os Presidentes de Província também tiveram um importante papel neste aspecto, em seus relatórios enviados à Assembleia Legislativa os presidentes descreviam o estado e conservação dos prédios públicos e também as ações para reparos no que se achava necessário.

Assim, o espaço da Vila foi formado através destas normas e leis que discorriam sobre como deveria ser este espaço. Porém, apesar das regras bem restritivas e enfáticas e sujeito à punição para quem não as cumprisse, este espaço não se transformou conforme as intenções impostas, e isto pode ser observado através dos Relatórios dos Presidentes que falam sobre o real estado de conservação de seus edifícios, e que podemos dizer que não era sempre bom e nem sempre atendia ao que era proposto nas normas. Tinha-se a intenção de conservação deste espaço, porém, por diversas vezes os reparos eram autorizados e não aconteciam por falta de dinheiro para serem executados ou por falta de mão de obra. Isto deu um aspecto de mau cuidado, e mesmo com os novos edifícios, como o Mercado, o cemitério, o espaço urbano de Vila Boa ainda se parecia muito com o do século XVIII.

Neste momento então os viajantes estrangeiros visitaram Vila Boa e perceberam estas distorções e irregularidades em função do que se propunha

através de leis e não era executado. Como o mal calçamento das ruas, a aparência das casas e também dos edifícios públicos. O espaço da Vila para eles não era bem conservado, e tudo era com uma arquitetura mesquinha. Para eles, a capital tinha um aspecto e aparência inferior ao que era esperado por Vila Boa ser uma capital, tudo era extremamente simplório e sem acabamento.

O viajante brasileiro, Cunha Mattos, que passou por Vila Boa também descreveu a cidade nos seus relatos e aspectos levantados pelos viajantes estrangeiros também pode ser encontrado em suas narrativas, como a conservação dos edifícios, o estado do calçamento das ruas, detalhes das residências e de como a cidade se configurava com as praças e edifícios do entorno. Contudo, Cunha Mattos não descreve Vila Boa de forma tão negativa e levanta pontos positivos sobre a cidade, como a igreja matriz que para ele era elegante, o povo era dócil e muito hospitaleiro.

Então, o espaço urbano de Vila Boa configurou-se em diversas intenções que nem sempre se concretizavam em ações, muito do que se propunha nas leis e relatórios provinciais não aconteceram de fato, fazendo com que este espaço físico tivesse contradições, e isto resultou neste aspecto negativo levantado pelos viajantes estrangeiros que perceberam estas contradições em seus relatos.

Assim, é possível afirmar através das narrativas dos viajantes e das legislações que a arquitetura e o espaço urbano de Vila Boa do século XIX eram caracterizados por ruas muito bem alinhadas, porém com deficiência no seu calçamento, os prédios públicos, segundo os viajantes, eram pequenos para tal e pouco mobiliados. A iluminação pública não era suficiente e sempre aparecia como um problema a ser resolvido nos Relatórios Provinciais. As residências eram feitas de barro e madeira, e isto no olhar dos viajantes era simplório demais. Porém, as casas eram alinhadas e sempre bem cuidadas, havia uma preocupação por parte dos moradores em se manter a beleza segundo os padrões impostos pelos códigos de posturas.

Assim, a presente pesquisa através das leituras das narrativas dos viajantes estrangeiros, as imagens produzidas da época, os códigos de posturas, leis, bem como os relatórios provinciais pretendeu auxiliar na apreensão e visualização do espaço urbano de Vila Boa de Goiás no século XIX, e entender o contexto de cada relato e narrativa produzida e como todos os acontecimentos gerais do período imperial influenciaram na forma que pretendeu-se formar este espaço físico, através

das normas e leis, e o que de fato transcendeu-se para as ações práticas e então formou o espaço urbano da cidade diante destas novas normas imperiais.

Agradecimentos

À Deus, primeiramente, que sem Ele eu não teria chegado aqui. À minha família por todo apoio e suporte, e em especial à minha orientadora Prof. Dra. Deusa Boaventura pela paciência, correções e importantes sugestões ao orientar este trabalho.

Referências

- AGUIAR, Lucas. **O ordenamento urbano da cidade de Nazareth e o Código de Posturas de 1893 no contexto da modernidade: pontos e contrapontos**. Bahia, 2015. Disponível em < <http://www.cidurb.uneb.br/eventos.html> > Acesso em 04 nov 2015.
- ANDRADE, K.; BASTIANI, C. **Viajantes naturalistas do século XIX na região da Província de Goiás: levantamento de topônimos indígenas**. In: ANTARES, UFT, vol.4, nº8, jul./dez. 2012.
- BOAVENTURA, Deusa. **A urbanização de Goiás no século XVIII**. Arquivo pessoal.
- CUNHA MATTOS, Raimundo da. **Corografia Historica da província de Goiás**. Rio de Janeiro: IHBG, 1979.
- FERREZ, Gilberto. **O Brasil do Primeiro Reinado visto pelo botânico William John Burchell 1825/1829**. Rio de Janeiro: Fundação João Moreira Salles; Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.
- LUZ, Giovana. **Goyaz, entre a forma e a função urbana: um estudo sobre a imagem da cidade no século XIX (1845-1880)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.
- POHL, Johann Emanuel. **Viagem ao interior do Brasil**, tradução de Milton Amado e Eugênio Amado; apresentação e notas de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.
- PROVINCIAL PRESIDENTIAL REPORTS (1830-1930): GOÍAS**. Disponível em: <<http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/go%C3%ADas>> Acesso em 20 fev 2017.
- SAINT-HILAIRE, August de. **Viagens à Província de Goiás**. Tradução: Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.